

O futuro do real depende do sujeito¹

Sonia Alberti

Resumo

A partir da observação de Lia Silveira na chamada para o XXI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, que articula a frase de Lacan segundo a qual “o sentido do sintoma depende do futuro do real”, faço a proposta de uma inversão que reduplica, na topologia do oito interior, o que Lacan já denotava em sua frase, mas para apostar em nossa função de psicanalistas como instrumento para sustentar que o futuro do real não nos leve aos caminhos da *Revolução dos bichos*, de Georges Orwell, ou do *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley. Incorporo a distinção entre o sintoma em *A terceira*, de Lacan, e o sintoma como revelador de uma mensagem do inconsciente, distinção feita por Colette Soler em sua segunda conferência durante o referido encontro, e a articulo com a função do psicanalista na psicanálise em intensão e em extensão. Esta proposta clama pela responsabilidade nossa, como analistas, de sustentar a causa freudiana, na contramão dos discursos dominantes, que, se não barrados, nos levarão para aqueles caminhos.

Palavras-chave:

Psicanálise; Sintoma; Cultura.

The future of the real depends upon the subject

Abstract

Based on Lia Silveira’s observation in the call for the XXI National Meeting of the EPFCL-Brazil, which articulates Lacan’s phrase according to which “the meaning of the symptom depends on the future of the real,” I propose an inversion that doubles it, in the topology of the double loop, or interior eight, in which the gap created by the cut is closed after a second trip around a fictional axis. Already denoted by Lacan in his sentence, this proposal bets on our function as psychoanalysts as an instrument to support that the future of the real does not

1 Retomada do texto que deu origem à apresentação no XXI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil: O sintoma, o psicanalista: topologia, clínica e política. Subtema: O psicanalista e o mal-estar na contemporaneidade, em 26 de setembro de 2021.

lead us to the paths of the *Animal Farm*, by Georges Orwell, or the *Brave New World*, by Aldous Huxley. I incorporate the distinction between the symptom in Lacan's *The Third* and the symptom as revealing a message from the unconscious, a distinction made by Colette Soler in her second lecture during the beforementioned meeting, and I link it with the role of the psychoanalyst in psychoanalysis in intention and extension. This proposal calls for our responsibility, as analysts, to support the Freudian cause, contrary to the dominant discourses that, if not blocked, are taking us to those paths.

Keywords:

Psychoanalysis; Symptom; Culture.

El futuro del real depende del sujeto

Resumen

A partir de la observación de Lia Silveira en la convocatoria del XXI Encuentro Nacional de la EPFCL-Brasil, que articula la frase de Lacan según la cual “el sentido del síntoma depende del futuro del real”, propongo una inversión que se duplica, en la topología del ocho interior. Lacan ya la denotaba en su sentencia, pero yo la retomo para apostar en nuestra función de psicoanalistas como instrumento para sostener que el futuro del real no nos lleve a los caminos de la *Rebelión en la granja*, de Georges Orwell, o *Un mundo feliz*, de Aldous Huxley. Incorporo la distinción entre el síntoma en *La tercera* de Lacan y el síntoma como revelador de un mensaje del inconsciente, distinción que hizo Colette Soler en su segunda conferencia durante el citado encuentro, y la vinculo con el papel del psicoanalista en el psicoanálisis en intención y en extensión. Esta propuesta de trabajo reclama nuestra responsabilidad, como analistas, de apoyar la causa freudiana, contrariamente a los discursos dominantes que, si no se bloquean, nos llevarán por aquellos caminos.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Sintoma; Cultura.

L'avenir du réel dépend du sujet

Résumé

À partir de l'observation de Lia Silveira dans l'appel à la XXI Rencontre Nationale de l'EPFCL-Brésil, qui articule la phrase de Lacan selon laquelle « le sens du symptôme dépend de l'avenir du réel », je propose une inversion qui se redouble,

à partir de la topologie de l’huit intérieur, ce que Lacan designait déjà dans sa phrase : mais ce sur quoi je veux parier sur notre fonction en tant qu’analystes, comme instruments pour soutenir que l’avenir du réel ne nous mène pas sur les voies de *La Ferme des animaux*, de Georges Orwell, ou du *Le Meilleur des mondes*, par Aldous Huxley. J’intègre la distinction entre le symptôme dans *La Troisième* de Lacan et le symptôme comme révélateur d’un message de l’inconscient, distinction faite par Colette Soler dans sa deuxième conférence lors de la rencontre précitée, et je la relie à la fonction du psychanalyste dans la psychanalyse en intention et en extension. Cette proposition appelle à notre responsabilité, en tant qu’analystes, de soutenir la cause freudienne, contrairement à contre-courant des discours dominants qui, s’ils ne sont pas barrés, nous conduiront vers ceux voies.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Symptôme ; Culture.

Início com uma frase de Lacan, quando de seu seminário sobre a identificação. Em 1961, ele propõe chamarmos lógica o capítulo que devemos acrescentar, como psicanalistas, às funções exercidas pela linguagem em certo campo do real, aquele, completa ele, do qual nós, seres falantes, somos os condutores (Lacan, 1961-1962, aula de 13 de dezembro). Do que podemos inferir que a proposta de Lacan é a de que há um campo do real que se cria pelo fato de sermos falantes. Ou seja, isso a que se referiu Colette Soler em sua segunda conferência no XXI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, quanto ao segundo tipo de trauma: aquele que cria o sujeito barrado, dimensão lógica e diacrônica do trauma. Ela disse: nesse tipo, “o fator traumático não é o gozo que se produz e que não passa ao significante, mas o significante, porque é ele que produz o furo no real da vida”, a desgraça de se fazer sujeito ou, como dizia Lacan (1986) na *Ética*, a primeira morte.

Há, na realidade, inúmeros reais, o que já se justifica a partir do momento em que acompanhamos a simples definição de o real ser o que fica fora do simbólico. Assim, o pai real pode ser o próprio espermatozoide — uma célula que ex-siste ao campo da fala e da linguagem e que a biologia toma por objeto de dissecação e estudo, inscrevendo nela significantes que lhe são totalmente alheios, pois ela, a célula, não está nem aí para os biólogos —, mas o pai real pode ser também o orangotango, proposto por Lacan a partir de sua leitura de *Totem e tabu*, de Freud (1974), como o pai que, miticamente, preexistiu ao simbólico, aquele, justamente, que foi criado porque somos seres falantes. Ele, assim, foi criado porque o mito é criacionista, a linguagem cria, e o faz tanto no sentido de que a coisa por ela criada passa a existir no simbólico, como significante, quanto porque, ao fazê-la existir no simbólico, produz o que da coisa criada permanece como coisa, se me permitem retomar essa acepção de coisa como *Ding*, que fica fora do simbólico.

Dito isso, voltemo-nos ao futuro do real. De que real se trata nessa passagem de *A terceira*, em que Lacan (1974a) se mostra muito temeroso para com nosso destino, senão do real produzido pelo fato de sermos seres falantes? Ou vejamos: a preocupação de Lacan nesse texto está no fato de produzirmos significações que, no lugar de isso abrir para múltiplas interpretações, incluindo o impossível de simbolizar, fixam uma que passaria a necessariamente valer para todos. É a ditadura do sentido, em relação à qual todos teriam que se referir. O sentido é o que se fixa na relação S1-S2, recalçando o que escapa por haver essa relação. Sabemos que o sintoma é o que surge disso, e o sujeito, indicado pelo sintoma em nossa clínica, é seu produto e, por isso mesmo, localiza-se no intervalo entre S1 e S2. Lacan avisa que, de tanto lhe dar sentido, será recalçado. Em *A terceira*, o diz com todas as letras, retomando a noção freudiana de sintoma como uma fagulha da verdade do recalque, índice do real; ele diz que o sintoma é o real, e o diz no momento em que identifica o analista ao sintoma, o qual se coloca como pedra no caminho do discurso dominante. Daí a questão de se estamos, como analistas, à altura de alcançarmos em nosso horizonte a subjetividade de nossa época. Pois é apenas ao estarmos aí que podemos ser esse sintoma e, como todo sintoma, *des-comodar*, incomodar. Se o fazemos, é também para abrir essa possibilidade aos sujeitos que nos vêm procurar, desalienando-os do Outro, separando-os de suas certezas egoicas, fazendo surgir o que a música de Milton Nascimento, *A terceira margem do rio*, que intitula a mesa em que apresentei este trabalho no XXI Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, retoma, ao cantar o “rio que riu, ri por sob a risca da canoa” que por ele passa.

Há um campo do real que se cria pelo fato de sermos falantes. E é nesse real que o psicanalista se insere, quando, no lugar de dar sentido ao sintoma, faz valer a fagulha da verdade de que ele é índice. Eis, na realidade, o desejo do psicanalista, e, como todo desejo, para ser sustentado, ele exige levar em conta a castração, que, aqui, podemos, antes de mais nada, identificar com a resistência. No momento em que esta se insere na transferência, ela se torna, como dizia Freud (1996), o motor da análise. É porque levamos em conta a resistência que damos uma chance à realização desse desejo tão específico, e que eu colocaria assim: fazer valer o campo do real que se cria pelo fato de sermos falantes.

Colette Soler, na mesma conferência do dia 26 de setembro de 2021, distinguiu o sintoma como cruz, pedra no caminho do discurso dominante, do sintoma revelador de uma mensagem do inconsciente, aquele que interessa ao psicanalista na psicanálise em intensão. Mas há a psicanálise em extensão, e nela, o analista como sintoma não se restringe à função do analista no discurso do analista — no qual, aliás, em princípio, não é sintoma, e, sim, objeto a causar o trabalho do sujeito em análise —, mas, esteja ele no campo que for — e que é composto pela terceira sessão da Escola de Lacan, o das conexões da psicanálise: o trabalho na saúde, educação,

justiça, ou mesmo no universo da universidade —, para estar à altura de sua época como analista, ele precisa ser esse sintoma-real. Árdua tarefa, mas da qual depende não apenas a subjetividade de nossa época, e, sim, também a do futuro. Está aí, então, nossa enorme tarefa e enorme responsabilidade de alcançarmos em nosso horizonte a subjetividade de nossa época. Enorme tarefa, porque isso se faz nas filigranas e nos diversos discursos pelos quais transitamos quando, de uma forma ou de outra, estamos neles sustentando esse lugar do analista como sintoma que se interpõe em forma de cruz no caminho do discurso dominante.

Partir então do *quê* para exercermos nossa função de psicanalistas como instrumento para sustentar que o futuro do real não nos leve à *Revolução dos bichos*, de George Orwell, ou ao *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, em que, definitivamente, os sujeitos foram reduzidos a objetos dominados pelos sentidos preestabelecidos e por eles tiranizados?

A proposta de Lacan se baseia em uma teoria que permite apostar no sujeito para barrarmos a escalada a que assistimos — e que Lacan já previa — e que nos leva, cada vez mais, para os caminhos profetizados por ambos, Orwell e Huxley. Razão pela qual o discurso do psicanalista se dirige ao sujeito.

Para uma teoria do sujeito a partir da psicanálise é que Lacan propõe a lógica quando a diz ciência do real e especifica esse real como sendo aquele que surge pelo fato de sermos falantes.

Em 16 de novembro de 1976, Lacan (1976-1977) volta a se perguntar sobre a questão de o que é o sujeito a partir do momento em que ele depende tão inteiramente do Outro. Pergunta: a gente se identifica ao inconsciente no final de uma análise? Não, responde ele, pois o inconsciente permanece Outro. Então, se não é isso, o que é? “Seria, ou não, identificar-se, identificar-se em tomando suas garantias, uma espécie de distância, identificar-se a seu sintoma?”, e ele continua, um pouco adiante, fazendo referência ao observado no *Seminário R.S.I.* (Lacan, 1974-1975): o sintoma, que pode ser o parceiro sexual, “é o que melhor conhecemos” — não sem a equívocação em francês com o *con: con naïtre*, que é como se diz conhecer em francês —: fulano que conheceu Sicrana(o), ou seja, dormiu com ela(e). “Conhecer quer dizer saber se virar com seu sintoma, saber manipulá-lo. Isso tem a ver com a maneira pela qual o homem lida com sua imagem, imaginar a maneira pela qual o homem se vira com seu sintoma” (Lacan, 1976-1977, aula de 16 de novembro).

Identificar-se ao sintoma próprio não é sem identificar-se com o real que se cria pelo fato do falasser, implicado na ética de bem dizer, que é a ética da psicanálise. O sujeito falasser, pela experiência analítica que atravessou, presentifica esse real, do mesmo modo que o analista. Ora, na medida em que toda análise é didática — é o lugar da formação do analista —, não há dúvida de que, chegado ao final da análise, analista e sujeito falasser coincidem. Com o que chegamos à frase título

deste trabalho: o futuro do real depende do sujeito. Se ele puder ser esse identificado ao sintoma, se ele puder com ele se virar, não como consciência de si — como sugerem alguns discursos filosóficos —, mas como fazendo valer o real que é efeito do fato de sermos falantes, fazendo valer não apenas as diversidades como consequência de que não há um sentido que cubra tudo, mas as singularidades, nas quais cada um é um o que, por um lado, apenas o coloca na série dos uns e, por outro, o faz um em sua unicidade de um. O futuro do real depende disso, de manter o sujeito em sua unicidade de um, *sinthoma*, chiste também, porque de santo só permanece a associação feita por Lacan (1974b) em *Televisão*, quando observa a identidade entre o analista e o santo — ambos são rebotalho.

Então, quando introverto a frase de Lacan “o sentido do sintoma depende do futuro do real” no meu título — “O futuro do real depende do sujeito” —, é porque é esse sujeito que disso advém (Freud, 1969) que dará o sentido do sintoma. Ao dizê-lo, topologicamente, apenas reduplico a frase de Lacan com minha corruptela, do modo como a lógica o orienta no movimento, não de inversão, mas de introversão, que é o do oito interior.

A primeira vez que Lacan se refere ao oito interior no contexto da identificação, no ano 1961-1962, é em associação à diferença que Kierkegaard faz entre o dizer e o repetir (Lacan, 1961-1962, aula de 11 de abril), mas para mostrar justamente essa diferença, tendo em vista que o falasser, ao repetir, jamais dirá do mesmo modo com que disse no primeiro dizer. Isso porque a figura topológica do oito interior introduz a volta que não é da ordem do contabilizável, pois, além de repetir, no dizer, introduz que é preciso marcar o fato da repetição, o fato de que há repetição, forçando-nos “a pensar a relação terceira, que do 1 ao 2 constitui o retorno (...) para dar esse elemento não numerável que chamo de ‘um a mais’” e que, justamente, “se faz apreender, fugaz, passível de ser detectado no vivido, do momento em que o sujeito que conta precisa contar-se entre outros” (Lacan, 1966-1967, aula de 15 de fevereiro). Para uma teoria do sujeito a partir da psicanálise é que Lacan propõe a lógica quando a diz ciência do real e especifica esse real como sendo aquele que surge pelo fato de sermos falantes. Porquanto nossa função de analistas no mal-estar da contemporaneidade é a de fazer contar o sujeito, não simplesmente como 1 ou 2, mas como o elemento não enumerável, pois é essa nossa contribuição para que ele — o sujeito, do modo como o concebemos — oriente um futuro do real na diversidade que a história da cultura sempre encontrou para fazer frente ao mal-estar na civilização.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1969). Die Zerlegung der psychischen Persönlichkeit. Conferência XXXI (1933 [1932]). In *Studienausgabe* (Vol. I, pp. 496-516). Frankfurt a.M.: S. Fischer.
- Freud, S. (1974). Totem und Tabu. In *Studienausgabe* (Vol. IX, pp. 287-444). Frankfurt a.M.: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1913 [1912]).
- Freud, S. (1996). Zur Dynamik der Übertragung. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt a.M.: S. Fischer Verlag (Vol. VIII, pp. 364-374). (Trabalho original publicado em 1912).
- Lacan, J. (1961-1962). *Le séminaire, livre IX: l'identification (1961-1962)*. Inédito. Recuperado em 27 setembro, 2021, de http://www.valas.fr/IMG/pdf/S9_identification.pdf
- Lacan, J. (1966-1967). *Le séminaire, livre XIV: la logique du phantasme (1966-1967)*. Inédito. Recuperado em 27 setembro, 2021, de http://www.valas.fr/IMG/pdf/S14_LOGIQUE.pdf
- Lacan, J. (1974a). *La Troisième*. Inédito. Recuperado em 27 setembro, 2021, de http://www.valas.fr/IMG/pdf/la_troisieme_integrale.pdf
- Lacan, J. (1974b). *Télévision*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1974-1975). *Le séminaire, livre XXII: R.S.I. (1974-1975)*. Inédito. Recuperado em 27 setembro, 2021, de http://www.valas.fr/IMG/pdf/s22_r.s.i.pdf
- Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre XXIV: l'insu que sait d'une bévue que s'aile à mourre (1976-1977)*. Inédito. Recuperado em 27 setembro, 2021, de http://www.valas.fr/IMG/pdf/S24_L_INSU---.pdf
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse (1959-1960)*. Paris: Seuil.

Recebido: 27/09/2020

Aprovado: 03/02/2021